

Diversão & Arte



Um verão inesquecível

» NAHIMA MACIEL

A segunda metade do ano de 1987 foi especial no Rio de Janeiro. Um navio de maçonaria panamenha, vindo da Austrália, despejou no mar centenas de latas lacradas contendo toneladas de maconha. Cada lata comportava 1,5Kg da droga, que seria distribuída, supostamente, nos Estados Unidos. Diante do alerta de uma fiscalização, a tripulação se livrou do produto, que foi transportado pelas correntes marítimas para as praias brasileiras. Tudo começou em setembro, mas se estendeu até os primeiros meses de 1988 no que ficou conhecido, no Rio, como “o verão da lata”. Banhistas, pescadores e aventureiros que acharam as latas fizeram delas algum uso ou proveito enquanto a polícia tentava acabar com a excitação geral apreendendo a mercadoria. O episódio, curiosamente, ainda não havia aparecido em filme até Santiago Dellape se dar conta de que renderia um excelente roteiro e daí saiu *O verão da lata*, que encerra hoje o 59º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

O projeto do longa começou a tomar forma em 2014. "Foi quando a gente falou, a primeira vez, vamos fazer", lembra a produtora Larissa Rolim. "E quase 10 anos se passaram entre a ideia e a captação de recursos, até que, em 2018, a gente ganhou o FAC, que foi o start money para arranjos regionais." Com R\$ 2,2 milhões, a equipe começou a trabalhar no argumento e na viabilização do filme, que conseguiu parceria com a Warner e a HBO. "A gente sabia que o argumento era forte e a gente teve paciência para o melhor arranjo possível. O filme tinha um potencial por si só", conta Larissa.

O episódio das latas de maconha é o pano de fundo da história contada no filme, cuja inspiração e referências estão ancoradas nos filmes policiais dos anos 1980. No roteiro, Brasa (Babu Santana) e Sandra (Samantha Schmütz) são dois policiais encarregados de investigar o paradeiro das latas de maconha, mas que desviam um pouco do caminho legal diante de enormes tentações. "É uma

história completamente ficcional, construímos mesmo os personagens", avisa Camila Ciolin, também produtora do filme. "Uma ou outra coisa foi como aconteceu na história real, mas a maior parte é ficcional. Como é inspirado nos filmes de 1980, tem essa questão de tirar o que a gente tirava

de ação dos anos 1980, tem esse caráter de tirar mau e do tira bom. A gente traz isso para o malandro e o mané, para o jeitinho brasileiro de ser. A ideia é olhar para a história pela visão dos dois policiais, o mané e a malandra." *O verão da lata* começa com os fatos reais e segue pela ficção quando os policiais começam uma investigação tolal da envesada. Dividem a cena com eles dois irmãos caíçaras que encontram uma grande quantidade de latas e começam a vender passeios que garantem a possibilidade de se deparar com a maconha, uma tentativa de comercializar o produto e escaparem do enquadramento como traficantes. "O filme é uma comédia divertida sobre como o brasileiro lida com estas coisas incomuns e raras. O foco é nas situações cômicas mesmo. É pura comédia", avisa Camila.

Uma das intenções era criar uma história única na qual os personagens estivessem dispostos a quebrar tabus de uma

forma leve e cômica. O verão da lata quer o público gargalhando e refletindo sobre o absurdo da situação. "A história em si poderia ter vários tons e pode até não ter sido tão leve. Mas a gente sempre teve liberdade e cuidado de não confundir com a história real", explica Larissa, que aponta, também, uma certa inocência dos personagens. Ambos querem apenas ser reconhecidos. "Cada um do seu jeito, um sempre tentando se dar bem e o outro sempre dando bem em cima. É a vida como ela é, com pessoas que querem ser esportadas demais e outras que acabam sendo passadas para trás."

A distância do tempo e a mudança na forma como a cannabis é encaráda hoje, com diversos usos medicinais, também ajudam a alimentar o tom de comédia da situação. O equilíbrio entre preservar o caricaturo do episódio e evitar a sustentação é outro ponto de sustentação do longa. "A gente sempre quis dar uma leveza para o filme da forma como a gente acha que o assunto deve ser. Hoje a cannabis medicinal está aí para provar que muitos tabus precisam ser reconsiderados e a gente utiliza esse evento para dar uma leveza para a coisa", diz Larissa.

CRÍTICA

★ ★ ★

Sem saneamento básico, o filme

» RICARDO DAEHN

Desde o nome do prédio Enterol (que remete ao tratamento de diarreias) em que o núcleo de personagens da longa Privadas de suas vidas está agrupado, já chega a primeira piada. Se a devastada personagem Malu (Martha Nowill) constata, da pior forma possível, que vasos sanitários têm a cerâmica extremamente cortante, o afiado humor da dupla de cineastas Gustavo Vinagre e Gurius Gewdner se confirma restritivo — e bem longe da unanimidade. Em constante limite mental, sobrecarregada, Malu investe na condução de um mundo de aparências, ao topor com a influencer grávida Suellen (Chandelly Braz), mulher de Renato (Marco Pigossi, na pele de um agente de bet), e ainda mãe de ocasião de Heliinho (Miguel Navarro), “tratado como lixo” (na visão de terceiros). O menino se torna pouco mais do que joguete para que os pais reclamem o posto, com ironia, de “embaixadores PCD.”

Bastante detido na criação de atmosfera gore (que sacramenta a exposição de degradação e violência em corpos), Privadas de suas vidas aponta para o inesperado e traços desconectados da realidade, numa escalada de criatividade. As soluções visuais impactam e têm boa condução. Hilário, o personagem de Otávio Müller, Vilaça, um zelador de prédio, é convocado "a zelar" pelo prédio de feng shui negativo e encanamentos inoperantes (que escoarão até corpos, para além dos dejetos de "boca, pança e peito"). Numa era de "discórdia", buscando a energia "mais pesada do mundo", Katka (Olivia Torres), vizinha de Malu, fica entretida com leitura de bora de cocô e de catarros, explorando o centro de São Paulo.

Desamor e desleixo nas relações pessoais se incrustam no filme, junto com a exposição de outras porcarias. Ideologia de gênero, sensacionalismo, seres castigados no banheiro e a co-profagia fetichista, encerrada no scat, são elementos presentes na trama que reacende momentos ousados do Festival de Cinema de Brasília, que contou com criadores como Ivan Cardoso, Juliana Rojas, Marco Dutra, Sergio Bianchi e Alexandre Stockler. Com destaque da edição de Rodrigo Carneiro e desenho de produção de Juliana Lobo (de Meu nome é Gal), o longa tira o espectador do sério. Nem defecar em segurança mais, podemos?!

Filme de Santiago Dellape encerra o 59º Festival de Brasília com história que marcou o verão de 1987 no Rio de Janeiro

O verão da lata, filme de Santiago Dellape que encerra o 59º Festival de Brasília



Divulgação

O verão da lata, filme de Santiago Dellape que encerra o 59ª Festival de Brasília

Privadas de suas vidas: um real aperto de se acompanhar